

**PONTES ORIENTALISTAS SOBRE O  
ATLÂNTICO: INDÍCIOS DE DIÁLOGOS ENTRE  
O ORIENTALISMO LUSO E O BRASILEIRO NO  
SÉCULO XIX**

**ORIENTALIST BRIDGES OVER THE ATLANTIC:  
INDICATIONS OF DIALOGUES BETWEEN LUSO  
AND BRAZILIAN ORIENTALISM IN THE 19TH  
CENTURY**

ARLINDO JOSÉ REIS DE SOUZA\*

**Resumo:** Com o intuito de contribuir para uma reflexão acerca do ainda pouco estudado orientalismo no Brasil do século XIX, e tendo como base a indicação de uma identificável relação entre o *indigenismo* e o *orientalismo*, o presente artigo se volta para um levantamento inicial da relação entre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nomeadamente em sua publicação Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a figura do imperador D. Pedro II – grande incentivador deste Instituto –, e alguns dos orientalistas portugueses dos oitocentos. Dado o caráter preliminar da presente investigação, mapeamos a presença de orientalistas portugueses no interior do citado Instituto brasileiro, indício de circulação de tais concepções entre as duas margens do Atlântico. Aqui, discutiremos, ainda, as variadas formas assumidas pelo conceito orientalismo, posto que, desde a publicação do livro de 1978, por Edward Said, o conceito se desdobrou e “ajustou-se” a uma série de realidades diversas, que o aprofundam e complexificam na medida em que o tornam mais operacionalizável.

**Palavras-chave:** Orientalismo, IHGB, D. Pedro II, orientalistas portugueses.

**Abstract:** In order to contribute to a reflection on the still little studied Orientalism in Brazil in the 19th century, and based on the indication of an identifiable relationship between indigenism and Orientalism, this article turns to an initial survey of the relationship between the Brazilian Historical and Geographical Institute (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), namely in its publication Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, the figure of Emperor D. Pedro II – a great supporter of this Institute – and some of the Portuguese orientalist of the 1800s. Given the preliminary nature of the present investigation, we mapped the presence of Portuguese Orientalists within the aforementioned Brazilian Institute, an indication of the circulation of such conceptions between the two sides of the Atlantic. Here, we will also discuss the various forms taken by the concept of Orientalism, since, since the publication of the 1978 book by Edward Said, the concept has unfolded and “adjusted” to a series of different realities, which deepen and make it more complex as they go along in which they make it more operable.

**Keywords:** Orientalism, IHGB, D. Pedro II, Portuguese Orientalists.

## Introdução e metodologia

Parte de uma pesquisa em andamento<sup>1</sup>, cujo objetivo é aclarar a tópica orientalista observada nos escritos de Gilberto Freyre, o presente artigo busca prestar um contributo, ainda que preliminar, para percepção de que havia indícios da circulação de um pensamento orientalista no Brasil do século XIX – em diálogo com o orientalismo português – e cuja via fundamental fora o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Tendo como hipótese que estas trocas eram de monta, uma vez que havia uma proximidade consistente entre a nascente historiografia brasileira e a portuguesa, e que ambos, tanto o IHGB quanto os historiadores lusos, foram fundamentais na formação intelectual de Gilberto Freyre, entendemos ser de grande importância, para a compreensão da circulação de tais ideias, a identificação de alguns dos autores lusos (nomeadamente aqueles identificados com o orientalismo) que figuravam como sócios efetivos ou correspondentes no seio desta que fora, quiçá, a maior instituição produtora de conhecimento histórico e geográfico no Brasil (e sobre o Brasil) dos oitocentos.

Com isso, a primeira parte do artigo começa com uma breve apresentação do conceito de orientalismo como proposto por Edward Said em *Orientalismo*<sup>2</sup> (e em escritos posteriores<sup>3</sup>). Daremos atenção, também, a alguns dos desdobramentos conceituais que tornam possíveis as suas aplicações à realidade do império brasileiro de D. Pedro II, nomeadamente os conceitos/noções de “orientalismo crioulo<sup>4</sup>”, “orientalismo na América Latina”, “orientalismo católico (catholic orientalism)<sup>5</sup>” e “orientalismo periférico<sup>6</sup>”.

---

\* Doutorando pelo Programa Interuniversitário de Doutoramento em História no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (Portugal). (Email: arlindosouza80@gmail.com)

<sup>1</sup> Tese de doutoramento intitulada *Os orientes de Freyre: tópica orientalista e luso-tropicalismo*, desenvolvida no âmbito do Programa Interuniversitário de Doutoramento em História (PIUDHIST), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ângela Barreto Xavier (ICS – Universidade de Lisboa), e coorientação da Dr.<sup>a</sup> Cláudia Castelo (ICS – Universidade de Lisboa)

<sup>2</sup> SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>3</sup> SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, Edições Kindle, 2009 e *Orientalism Reconsidered*. **Cultural Critique**, Minnesota, University of Minnesota Press, Vol1. pp. 89–107 1985 <https://doi.org/10.2307/1354282>.

<sup>4</sup> MAFRA, Adriano, STALLAERT, Christiane. Orientalismo Crioulo: Dom Pedro II e o Brasil Do Segundo Império / Creole Orientalism. D. Pedro II and Brazil in the Second Empire. **Iberoamericana(2001-)**. Berlin, vol. 16, no. 63, pp. 149–168. Nov. 2016. JSTOR, [www.jstor.org/stable/26314569](http://www.jstor.org/stable/26314569). Accessed 9 Feb. 2021.

<sup>5</sup> XAVIER, Ângela Barreto; ŽUPANOV, Ines G., **Catholic orientalism**. Portuguese empire, indian knowledge (16th-18th centuries), Oxford: Oxford University Press. 2015.

<sup>6</sup> VICENTE, F. L. Orientalismos periféricos? O historiador gôês José Gerson da Cunha (Bombaim, 1878). In **Ler História**, 58. p. 27-46. 2010.

A seguir, discutiremos a íntima relação entre o *indigenismo* e o *orientalismo*, ou seja, como o *indigenismo* se manifestou como uma “versão” do *orientalismo* ao ser concebido, pensado e praticado, por parte dos agentes envolvidos com a definição de uma identidade “ocidental”, cristã, “européia”, para o país recém-independente. Seguindo este caminho, apresentaremos as interações entre D. Pedro II, o IHGB e as ideias orientalistas (e indigenistas) que emergiam enquanto firmavam-se os elementos do “pensamento nacional”.

Ao fim, iremos expor uma visão, certamente panorâmica, dos autores portugueses sócios do IHGB que – alguns deles muito próximos intelectualmente de D. Pedro II –, por esta via, estiveram em diálogo com a intelectualidade brasileira oitocentista. Não obstante que um estudo sistemático destas interlocuções (levando em consideração o tópico *orientalismo*) esteja ainda por ser feito, intentamos, aqui, demonstrar que estas pontes estavam, ao menos, em construção.

Para tratarmos da questão da relação entre *orientalismo* e o *indigenismo*, ao longo do artigo recorreremos a uma metodologia comparativa como proposta por Alcida Ramos<sup>7</sup>. Tal método mostrou-se de suma importância, uma vez que nos apontou para a existência de diversos elementos em comum entre as duas formas de se construir um discurso sobre o “outro” baseado em uma perspectiva “eurocentrada”. No que tange à organização dos autores orientalistas portugueses que figuram no IHGB como sócios, acedemos às edições da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1851 até 1891 (acervo online) – já que, de 1839 até 1850, foi utilizado o levantamento feito no estudo de Bentivoglio<sup>8</sup>.

Com o intuito de averiguarmos as relações entre os autores portugueses sócios do IHGB e o *orientalismo*, efetuamos um levantamento de teses, artigos e livros que realizam estudos sobre o *orientalismo* português dos oitocentos, e verificamos que muitos dos autores portugueses que possuíam relações com o IHGB eram identificados com uma perspectiva orientalista/essencialista sobre o “outro” “não-europeu”.

### **Orientalismo e Orientalismo no Brasil: uma possibilidade (?)**

---

<sup>7</sup> RAMOS, A.R. *Indigenismo: um orientalismo Americano*. *Anuario Antropológico*, vol 1 p. 27-48. 2011.

<sup>8</sup> BENTIVOGLIO, Julio. *A História no Brasil: a produção historiográfica na Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850)*. *História: Questões & Debates*. vol. 63. n. 2, p. 287-315, jul./dez. 2015

Tendo como certo que os conceitos possuem também uma história discernível, e que moldam e são moldados pelos contextos em que surgem<sup>9</sup>, urge reforçar que o sentido que aqui atribuímos a *orientalismo* é aquele apontado por Edward Said a partir de seu livro de 1978, *Orientalismo*. Segundo esta perspectiva, em linhas gerais, o orientalismo seria um discurso criado por uma visão europeia generalizante sobre o “Oriente”, a qual o descrevia como “um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas, de experiências notáveis<sup>10</sup>”. Desse modo, parte significativa de seus “resultados” e objetivos seria estabelecer uma relação de autoridade do ocidente/Europa sobre os “orientais”, firmando “um estilo ocidental para dominar, [e] reestruturar (...) o Oriente (...) (e o “Oriental”)<sup>11</sup>”.

No intuito de embasar esta autoridade, Said informa que o Ocidente orientalista se muniu de um discurso calcado na ciência hegemônica vigente na época (século XIX), lançando-se de:

“teses antropológicas, biológicas, lingüísticas, raciais e históricas sobre a humanidade e o universo; [de] teorias econômicas e sociológicas de desenvolvimento, revolução, personalidade cultural e caráter nacional ou religioso<sup>12</sup>”.

Assim, convém lembrar que tais teses e teorias eram, via de regra, produzidas por intelectuais vinculados a instituições muito bem estruturadas, como universidades, institutos e centros produtores de conhecimento e pesquisa. Normalmente relacionados aos Estados “metropolitanos” do “Atlântico Norte” (mais comumente, da Europa Ocidental e dos Estados Unidos), que os abrigavam, tais instituições também poderiam ter uma caráter internacional, o que gerava um ambiente “circular” crescentemente amplo de referências mútuas<sup>13</sup>.

---

<sup>9</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Histórias de conceitos**: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social, Rio de Janeiro, Contraponto, 2020.

<sup>10</sup> SAID, 2007, p. 13.

<sup>11</sup> *Ibidem*, 2007, p. 14

<sup>12</sup> *Ibidem*, 2007, p. 19

<sup>13</sup> Marta Pacheco Pinto informa que desde os fins do século XVIII “Desenvolve-se uma rede nacional e transnacional de sociedades científicas, muitas assumidamente orientalistas, que vem fomentar políticas educativas específicas, favorecendo o estudo das línguas e dos hábitos nativos e ajudando a redesenhar a relação entre metrópole e colônias. São exemplo: 1784: Sociedade Asiática (também conhecida como Sociedade Asiática de Bengala ou Real Sociedade Asiática de Bengala); 1821: fundação da Sociedade de Geografia de Paris; 1822: criação da Sociedade Asiática de Paris; 1823: criação da Real Sociedade Asiática da Grã-Bretanha e da Irlanda; 1828: fundação da Sociedade de Geografia de Berlim; 1830: fundação da Sociedade de Geografia de Londres; 1842: criação do Deutsche Morgenländische Gesellschaft e do American Oriental Society; 1875: fundação da Sociedade de Geografia de Lisboa”. PINTO, Marta Pacheco. **Traduzir o outro oriental**. A configuração da figura feminina na literatura portuguesa finissecular (Atónio

Neste sentido, a literatura (ficcional, relatos de viagem, textos “não ficcionais” etc.) também prestou um grande contributo como foco de produções orientalistas, ajudando a disseminar a ideia de que existia “uma distinção ontológica e epistemológica<sup>14</sup>” entre “Ocidente” e “Oriente”. E, se ali se associavam noções como “civilização”, “razão”, “desenvolvimento”, “cultura”, aqui associavam-se, predominantemente, figuras retóricas essencializantes que descreviam o Oriente como “misterioso”, “místico”, “mágico”, “sensual”, “pecaminoso”, disseminando “estereótipos sobre ‘o espírito africano’ (ou indiano, irlandês, jamaicano, chinês)” que induziam à necessidade de levar “civilização a [estes] povos bárbaros ou primitivos<sup>15</sup>”.

Colocava-se, pois, uma dualidade (decerto que fluida e sempre complexa), entre um Ocidente “avançado” e um “Oriente”/não-Europa (ou mesmo uma Europa periférica, “indígena”) “atrasada”, que precisava (e/ou mesmo ansiava) por uma condução rumo à modernização, posto que, sob o essencialismo que a eles se atribuíam, encontravam-se, ou na “infância da humanidade”, ou em “civilizações decadentes”. Nas representações orientalistas, os orientes aparecem, ainda, frequentemente, como locais femeais (femininos)<sup>16</sup> e “virginais, mundos a serem explorados, fecundados, conhecidos e dominados por raça e civilização másculas, pronta para desbravar o desconhecido (ou o esquecido)<sup>17</sup>”.

Isso posto, emerge uma pergunta de considerável importância para o que estamos aqui a argumentar: seria possível (ou mesmo coerente) essencializações de viés orientalistas surgirem a partir de centros “não colonialistas” (ou ao menos não colonialistas segundo o modelo europeu moderno/contemporâneo)? Alguns estudos que trabalham com o conceito de orientalismo, e que prestam grande contributo no desenvolvimento e aprofundamento deste, por assim dizer, respondem a esta questão. Marta Pacheco Pinto, por exemplo, entende que o “fenómeno orientalista coloca-se (...) como um [fenômeno] de natureza gnosiológica e representacional”, que pode ser

---

Feijó e Wenceslau de Moraes). Lisboa, (Tese de Doutorado em História da Tradução), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013, p. 96.

<sup>14</sup> SAID, 2007, p. 15.

<sup>15</sup> SAID, 2009, p. 3.

<sup>16</sup> SAID, 2007, p.146. A este respeito ver, também a já citada tese de Marta Pacheco Pinto de 2013, que versa ampla e profundamente sobre as representações orientalistas do Oriente como espaço “feminino”.

<sup>17</sup> SOUZA, Arlindo J. Reis de. Os Orientes e Ocidentes de Freyre: tópica Orientalista em Casa-grande & Senzala e o Ocidente em Sobrados e Mucambos, **Revista de Estudios Brasileños**, Salamanca, Vol 7 – n. 14. Ediciones Universidad de Salamanca, p. 153-167, 2020, p. 156.

“entendido ou não como reflexo de um vínculo colonial e ocupação efetiva de um território oriental<sup>18</sup>”. Nesta acepção, o orientalismo se “institui como doxa, ao espelhar uma visão do mundo com a qual um grupo sociocultural age em conformidade<sup>19</sup>”. E o que se observa no orientalismo brasileiro do século XIX (cujos estudos são raros, como veremos), e mesmo no modo hegemônico de construção da identidade nacional, é um desejo de ser identificado enquanto um país ocidental, cristão e, ao menos predominantemente, branco.

Situação similar ocorre, por exemplo, em outros lugares que não vivenciaram uma experiência colonizadora, como a Argentina, cujo caso é estudado por Emmanuel Taub<sup>20</sup>. No que tange ao espaço mais amplo da América Latina, temos estudos como os de Svetlana V. Tyutina<sup>21</sup>, Camayd-Freyxas<sup>22</sup>, Espinoza<sup>23</sup> e Hernán Taboada<sup>24</sup> (que utiliza a mesma expressão “orientalismo periférico” de Lowndes para tratar do orientalismo na América Latina), para citar alguns títulos. Ainda sobre o orientalismo produzido fora dos centros tradicionais, para não nos estendermos em demasia, citamos dois trabalhos. Em *Orientalismos Periféricos?*, Felipa Lowndes Vicente aponta para a existência de uma produção orientalista no século XIX mesmo em Goa, antiga colônia portuguesa na Ásia, localidade na qual utiliza o conceito “orientalismo periférico<sup>25</sup>”, no que é acompanhada por Everton Machado em *Orientalism from within*<sup>26</sup>.

De suma importância para a nossa apresentação são, no entanto, os conceitos de “orientalismo católico (catholic orientalism)”, desenvolvido por Xavier e Županov, que aponta para o caráter pioneiro do orientalismo português – o que mesmo Edward Said ignora em seus textos – e o de “orientalismo crioulo” de Mafra e Stallaert, ambos acima

---

<sup>18</sup> PINTO, *op. cit.*, p. 100

<sup>19</sup> *Idem*, 2013, p. 100

<sup>20</sup> TAUB, Emmanuel. **Otredad, orientalismo e identidad** : nociones sobre la construcción de un otro oriental en la revista Caras y Caretas : 1898-1918, 1a ed., Buenos Aires: Editorial Teseo, 2008.

<sup>21</sup> TYUTINA, Svetlana V., **Hispanic Orientalism: The Literary Development of a Cultural Paradigm, from Medieval Spain to Modern Latin America**, Tese (Tese de Doutorado), Florida International University Electronic Theses and Dissertations, Flórida, 2014.

<sup>22</sup> CAMAYD-FREIXAS, Erik (ed.) **Orientalism and Identity in Latin America. Fashioning Self and Other from the (Post) Colonial Margin**. Tucson: The University of Arizona Press, 2013.

<sup>23</sup> ESPINOZA, María. El espejo roto de occidente: conceptos orientalistas en la literatura latino-americana. **Hispanet Journal**, Flórida, v.2, p. 1-14, 2009.

<sup>24</sup> TABOADA, Hernán. **Un orientalismo periférico**: Nuestra América y el Islam. México. UNAM, Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe. 2012.

<sup>25</sup> VICENTE, *op. cit.*, 2010.

<sup>26</sup> MACHADO, Everton. Orientalism from Within in Goa: Local Textual Production in Light of the Legal and Administrative Framework of the Overseas Populations. In WONG, Katrine (Ed.) **Eastern and Western Synergies and Imaginations: Texts and Histories**, Leiden: Brill, Out.2020. pp. 97-122

citados. O primeiro, que em grande medida está “presente” no segundo, confere um caráter de grande especificidade ao orientalismo luso que, a despeito da sua relativa descontinuidade<sup>27</sup> e “invisibilidade”<sup>28</sup>, chega com força a autores dos séculos dezenove e vinte dentro e fora de Portugal.

Já Mafra e Stallaert, ao tratarem especificamente do orientalismo brasileiro do século XIX, em especial aquele que incide sobre (e a partir de) D. Pedro II (e, em consequência, sobre o IHGB), em alusão ao fato desta ser uma vertente orientalista que surge na América, ventilam o conceito de “orientalismo crioulo”. Para os autores, este tipo de orientalismo, que emerge no Brasil, teria uma dupla conexão/tendência que eles denominam respectivamente de orientalismo ontológico e orientalismo intelectual.

O orientalismo ontológico seria “fruto do convívio histórico lusitano com povos de estirpe oriental” o que se verifica nos “costumes, na arquitetura colonial e na própria língua do império tropical<sup>29</sup>”. Já a outra tendência/conexão estaria mais afinada com a tipologia de orientalismo que Said desenvolve em seus estudos. Relacionado aos orientalismos de origem francesa e britânica, teria chegado com mais força ao Brasil depois da instalação da família real portuguesa no Rio de Janeiro.

Feitas estas considerações, podemos concluir que, mais do que uma possibilidade, o “contato” do “Brasil” com o orientalismo, foi uma realidade incontornável e estabelecido por diversas “vias”, uma vez que cada vez mais o fluxo de ideias, práticas literárias, científicas e saberes cruzavam não apenas o Atlântico, mas também as fronteiras entre as recentes nações da América Latina. E os contatos de D. Pedro II e do IHGB com os principais centros “produtores do orientalismo” foram mais do que regulares, e como se verá, intensos.

### O Imperador, o orientalismo e o IHGB

À medida que o estudo sobre o orientalismo no Brasil avança, os trabalhos que reputam D. Pedro II como um orientalista tornam-se mais numerosos e consistentes. Segundo Monique Sochaczewski Goldfeld, D. Pedro II *era* um orientalista, que se

---

<sup>27</sup> PINTO, *op. cit.* 2013. p. 79.

<sup>28</sup> Marta Pacheco Pinto aponta o caráter da descontinuidade, invisibilidade/ invisibilização do orientalismo português especialmente no século XIX em: PINTO, Marta Pacheco. Org. **A participação portuguesa nos congressos internacionais de orientistas (1873-1973):** Textos e contextos. Lisboa, Edições Húmus & Marta Pacheco Pinto, 2019. p. 115.

<sup>29</sup> MAFRA e STALLAERT, *op.cit.*, p. 153

dedicara a “estudar línguas orientais, como hebraico, árabe, turco e persa”; “a colecionar livros e fotografias ligados ao Oriente”; [e que] se correspondera diretamente com “famosos especialistas, como Ernest Renan e Maxime du Camp” visitando “[o Oriente Médio] por duas vezes, em 1871 e 1876<sup>30</sup>”. Tendo, ainda, acompanhado “com profundo interesse os Congressos Internacionais dos Orientalistas” e “participado do terceiro deles, realizado em São Petersburgo, na Rússia, em 1876”<sup>31</sup>, onde recebeu o “título de membro de honra na presença do Ministro da Instrução Pública”<sup>32</sup> deste país.

O contato do imperador com o orientalismo, autores e escolas orientalistas é vasto e diversificado. De Itália a Portugal e França, da Alemanha à Rússia, D. Pedro II admirava e era admirado. Interagiu com frequência com o orientalista italiano Angelo De Gubernatis, com Olivier de Rougé (francês) e com os egiptólogos Auguste Mariette (francês) e Henrich Brousch (alemão). Mantinha grande proximidade com os alemães Karl Henning e Christian Friedrich Seybold. Estes últimos foram seus professores de línguas semíticas e orientais que chegaram a residir no Rio de Janeiro, sendo, o segundo, figura de proa no próprio IHBG<sup>33</sup>. Victor Hugo o chamou de “rei magnânimo, rei filósofo, neto de Marco Aurélio”, enquanto o rabino e intelectual francês Benjamin Mossé deu-lhe o título de “rei sábio”<sup>34</sup>.

Figuram, ainda, na lista de contatos do imperador, nomes de orientalistas como Saint-Hilaire, Alexander Von Humboldt, Merimée, Lamartine, Gobineau, Leopold Van Ranke, os portugueses Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco (quem voltaremos mais a frente), e o “emérito orientalista [russo] Elie Nicolaievitch Berezine<sup>35</sup> – entre outros tantos autores dessa nacionalidade”. O incentivo do imperador a produções orientalistas no âmbito das artes plásticas foi expressivamente significativo, frequentando exposições tanto de pintores brasileiros que realizaram pinturas com temáticas orientalistas, como Arsênio Cintra da Silva e Pedro Américo, quanto de estrangeiros que

---

<sup>30</sup> “A viagem de D. Pedro II ao Oriente foi uma experiência envolvente (...) turismo bíblico, lugares e personagens exóticos, que emergiam das culturas antigas e que ele pôde conhecer de perto (...) Transportado em liteiras, a cavalo (...) nos lugares mais inóspitos [...] acampou sob o bellissimo céu oriental...”. RAPHANELLI, Noeli Zuleica Oliveira. **D. Pedro II: vínculos dom o judaísmo**. 2012. Tese (Doutorado) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 194

<sup>31</sup> GOLDFELD, Monique S. **Dicionário de Orientalistas de Língua Portuguesa: D Pedro II**. <https://orientalistasdelinguaportuguesa.wordpress.com/>. Acesso em 13/01/2022.

<sup>32</sup> RAPHANELLI, *op.cit.*, p. 188.

<sup>33</sup> MAFRA e STALLAERT, *op.cit.*, p. 163.

<sup>34</sup> RAPHANELLI, *op.cit.*

<sup>35</sup> RAPHANELLI, *Ibidem*, p. 185.

atuaram no Brasil, como Johann Georg Grimm. Artistas que retrataram o Magrebe<sup>36</sup> em suas obras.

Para além da erudição e “amor ao saber” em D. Pedro II, os “assuntos orientais” refletidos em seus estudos das línguas antigas desempenhavam um papel potencialmente importante e mesmo estratégico para a questão da compreensão de quem foram os primeiros povoadores da América e, conseqüentemente, do Brasil. E, aqui, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro passa a assumir uma importância fundamental, pois é onde podemos aproximar a atuação do Estado imperial brasileiro aos demais “Estados orientalistas”.

No Brasil havia povos, segundo uma perspectiva orientalista/imperialista, a se conquistar e civilizar: os povos originários. Portanto, se para franceses, ingleses, belgas, alemães etc., o “outro” estava no além-mar, no Brasil, o outro estava no interior do território, em suas “incontáveis florestas”. E é este, quiçá, um dos “caminhos” que faz com que seja possível a aproximação entre o indigenismo e o orientalismo, e que faz com que expoentes da História do Brasil de meados do século XIX, como Francisco Adolfo Varnhagen, sejam reputados como orientalistas em trabalhos como os de Rodrigues<sup>37</sup> e Portela<sup>38</sup>, Silva<sup>39</sup> e Ramos<sup>40</sup>.

Em *Indigenismo: um orientalismo americano*, Alcida Rita Ramos coloca, de forma direta, que o “Indigenismo está para as Américas como o Orientalismo está para o Ocidente<sup>41</sup>”, propondo que se pode substituir os conceitos no próprio texto de Said para tornar a associação claramente inteligível, como vemos no trecho a seguir:

“É a Europa [leia-se América Latina] que articula o Oriente [leia-se Índio]; (...) prerrogativa, não de um manipulador de marionetes, mas sim de um genuíno criador cujo poder de gerar

<sup>36</sup> DAZZI, Camila. Pelas ruas do Magrebe: orientalismo no Brasil ao final do século XIX. *Arte e Ensaios* vol. 26, n. 40, jul./dez. 2020.

<sup>37</sup> RODRIGUES, J. P. C. Orientalismos americanistas: Vicente Fidel López, Francisco Adolfo de Varnhagen y los indígenas. *Revista Complutense de Historia de América*, v. 39, 59-80. 2013.

<sup>38</sup> PORTELA, Cristiane de Assis. A Noção de Indigenismo na formação das nações Latino-Americanas: Estudo Preliminar da presença indígena em Varnhagen e José Martí. *ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História* – Fortaleza, 2009. PORTELA, Cristiane de Assis. *Para além do “caráter ou qualidade de indígena”: uma história do conceito de indigenismo no Brasil*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História/ Universidade de Brasília – UnB, Brasília-DF, 2011.

<sup>39</sup> SILVA, Cristhian Teófilo da. Relatos de um certo ocidente: o indigenismo como orientalismo à americana. *I Congresso Internacional de Estudos sobre as Américas*. Rio de Janeiro: UERJ, setembro de 2008.

<sup>40</sup> RAMOS, A.R. Indigenismo: um orientalismo Americano. *Anuario Antropológico*, vol 1 p. 27-48. 2011.

<sup>41</sup> RAMOS, 2011, p. 28.

vida representa, anima e constitui o espaço que está além das fronteiras que lhe são familiares... (Said, 1979:57)”<sup>42</sup>

Um pouco mais a frente, em seu texto, a autora aponta que no *indigenismo* também está presente o mesmo aspecto do orientalismo que Said chamou de “vacilante”, a saber, o fato de nem sempre a essencialização ser “negativa”, pois ela pode assumir tanto um olhar romantizado<sup>43</sup> quanto condescendente, operando, mesmo assim, como um construto para efeito de criação de autoridade e dominação, uma vez que emana de quem formula e conceitua sobre o “outro”. Assim diz Ramos:

“Se tivéssemos que escolher uma única palavra para descrever a relação do Brasil com seus índios, essa palavra seria ambivalência. Desde sua descoberta em 1500, a tendência de ver os índios como nobres filhos do Paraíso ou como ignóbeis selvagens que devem ser civilizados só aumentou ao longo dos séculos, desembocando numa verdadeira esquizofrenia na política indigenista oficial<sup>44</sup>”.

A ideia de que as formulações indigenistas, já neste sentido semelhante ao do orientalismo saidiano, surgem com a chegada dos europeus à América é reforçada por Silva:

“O ponto de partida para a delimitação deste ideário [indigenista] serão as imagens, representações e discursos sobre o ‘índio’ e sobre os ‘métodos’ para seu governo que se consolidaram com a colonização da América. Nesse sentido, relatos de Cristóvão Colombo e Bartolomé de Las Casas sobre o ‘descobrimento da América’ foram selecionados como discursos de fundação do indigenismo. Suas narrativas servirão como aporte para uma interpretação estrutural do indigenismo latino-americano e suas imagens distorcidas sobre o ‘índio’<sup>45</sup>”.

Data de Colombo, inclusive, a relação entre os “infieis” mouros e judeus e os indígenas da América, como apontam Ella Shoat e Robert Stam, em texto de 2014<sup>46</sup> - no qual citam o orientalismo tropical (*tropical orientalism*). Para os autores, com a

<sup>42</sup> RAMOS, *Idem*.

<sup>43</sup> Como aparece de modo muito bem analisado em ARAÚJO, Ana Cristina Cardoso dos Santos Bartolomeu . O Maravilhoso Mundo Reencontrado na América Portuguesa, **Estudos de Homenagem ao Professor Doutor João Marques**, Porto, Faculdade de Letras do Porto, vol. 1, pp. 169-182, 2001

<sup>44</sup> RAMOS, *op.cit*, p. 31.

<sup>45</sup> SILVA, *op.cit*, p. 12.

<sup>46</sup> “To understand Brazil’s “Orient” in its historical depth, we need to go at least as far back as Christopher Columbus, and even to the Christian crusades against the infidel”. SHOHAT, Ella and STAM, Robert. Tropical Orientalism: Brazil’s Race Debates and the Sephardi-Moorish Atlantic. In. AMAR, Paul Amar (Ed.). **The Middle East and Brazil: perspectives on the new global south**. Indiana, Indiana University Press. 2014. pp. 119-161. p. 121.

colonização, houve uma “transferência” de sentidos demonizadores do “outro”, da Europa para a América, como se vê no trecho a seguir:

“In Brazil, more specifically, discourses about Muslims and Jews armed the conquistadores with a ready-made demonizing vision, transferable from the ‘old’ to the ‘new’ world. Discourses, along with languages such as Arabic and Hebrew, travelled together to the ‘New World’<sup>47</sup>”.

Aqui, o “velho” seriam os judeus e os muçulmanos, já conhecidos dos espanhóis e portugueses e o “novo” seriam os povos originários da América. Constrói-se, então, desta maneira, com bases tão antigas quanto a própria chegada dos europeus à América, e mais especificamente dos portugueses ao Brasil, ideias sobre os povos originários que vão ser incorporadas com largueza de sentido nos discursos que darão conta da construção da identidade nacional brasileira. Neste sentido, Portela aponta que:

O “indigenismo” (...) reivindica seu lugar no movimento orientalista, voltado que está, na qualidade de discurso, para a invenção dos “índios” como outros significativos não somente das experiências colonialistas e imperialistas europeias, mas das experiências latino-americanas de construção nacional e formação de Estados<sup>48</sup>”.

E, no Brasil, a instituição de pesquisa que incorporou e cumpriu por excelência esta função foi o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Segundo Portela, citando Mota <sup>49</sup>:

“no período de 1839 a 1889, em seus 52 tomos, a RIHGB publicou 274 artigos referentes à temática indígena, total correspondente a quase vinte por cento da pauta da revista, sendo significativo que somente uma revista (editada no ano de 1870) não tenha trazido nenhum artigo sobre o tema<sup>50</sup>”.

A grande incidência da temática indígena, tratada de modo *indigenista*, acompanhava o interesse dos autores da época em inserir o elemento “natural da terra” na História do Brasil. Informados por uma perspectiva “iluminista” de progresso, que via a História da humanidade de modo linear, a maior parte dos trabalhos visava comprovar

---

<sup>47</sup> SHOHAT e STAM, *Ibidem*, p. 122.

<sup>48</sup> PORTELA, *op. cit.*, p. 60.

<sup>49</sup> MOTA, Lúcio Tadeu. A Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) e as populações indígenas no Brasil do II Reinado (1839-1889). **Revista Diálogos**, v. 10, n. 1, p. 117- 142. Maringá-PR: DHI/PPH/UEM, 2006.

<sup>50</sup> PORTELA, *op. cit.*, p. 69

a necessidade de se civilizar os povos bárbaros da América. A autora cita Guimarães<sup>51</sup>, que coloca que, todo o instrumental de conhecimentos “arqueológicos, lingüísticos e etnográficos” eram utilizados com vistas a comprovar a inferioridade dos indígenas em “relação à ‘civilização branca’”, constituindo-se uma “argumentação científica” que “capacitaria o investigador da história brasileira a recuperar a cadeia civilizadora, demonstrando a inevitabilidade da presença branca como forma de assegurar a plena civilização<sup>52</sup>”.

Assim, embora saibamos, a partir de estudos como os de Puntoni<sup>53</sup>, Turin<sup>54</sup> e Kodama<sup>55</sup>, que a questão indígena, ou o próprio indigenismo em si, seja algo plural – e sua abordagem tenha sido plural já desde as páginas do IHGB no século XIX – com questões como “integração”, “assimilação”, “herança cultural”, “diversidade”, abordados de modo diverso e consoante à ideologia de construção da “identidade nacional” em pauta, aqui nos ativemos à visão dominante, pelo menos nas décadas finais do século XIX, onde os povos originários eram vistos como passíveis de ser civilizados, cristianizados, enfim, trazidos para a “luz” de um Brasil ocidentalizado e ocidentalizador.

### Orientalistas portugueses no IHGB

Na seção anterior vimos como D. Pedro II, e o IHGB, mantinham contato regular com autores orientalistas das mais variadas procedências. No entanto, o ponto que nos interessa no presente artigo são as possíveis “pontes” entre os intelectuais orientalistas de Portugal e do Brasil via IHGB. Mafra e Stallaert já alertaram para o que chamam de orientalismo ontológico, ou seja, aquele oriundo da “herança cultural ibérica” que emergiu como consequência da colonização portuguesa do Brasil. No entanto, há indícios

---

<sup>51</sup> GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Revista Estudos Históricos*. p. 5 - 27. Rio de Janeiro, 1988.

<sup>52</sup> GUIMARÃES, 1988 apud. Portela, 2011, p. 70

<sup>53</sup> PUNTONI, Pedro. O Sr. Varnhagen e o patriotismo caboclo: o indígena e o indianismo perante a historiografia brasileira. In: JANCSÓ, István (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec, 2003. p. 633-675 e PUNTONI, Pedro. A Confederação dos Tamoyos de Gonçalves de Magalhães: a poética da história e a historiografia do Império. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 45, p. 119-130, julho de 1996.

<sup>54</sup> TURIN, Rodrigo. *Narrar o passado, projetar o futuro: Sílvio Romero e a experiência historiográfica oitocentista*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul 2005.

<sup>55</sup> KODAMA, Kaori. *Os filhos das brenhas e o Império do Brasil: A etnografia no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1840-1860)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História da PUC-Rio. Rio de Janeiro –2005

de que o orientalismo português também tenha chegado ao Brasil em sua vertente científica (e literária), haja vista a afirmação de Julio Bentivoglio sobre o peso da tradição historiográfica portuguesa<sup>56</sup> na principal publicação do IHGB, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.

Desse modo, para além dos contatos mais singulares, ou individuais, diretos mesmo com intelectuais portugueses, como informa o próprio Bentivoglio, o peso da historiografia portuguesa se fazia sentir no Brasil através, também, da proximidade entre instituições de pesquisa dos dois países. E aqui podemos citar a *Sociedade de Geografia de Lisboa*, *Academia Real de História Portuguesa*, e a *Academia de Ciências de Lisboa*, que, “influenciada tanto pela tradição erudita que remontava ao Renascimento quanto pelo realismo de Alexandre Herculano (...), começava a inspirar alguns historiadores (...) brasileiros”<sup>57</sup>.

Outrossim, Bentivoglio informa, ainda, outro fato que concorre para a circulação de ideias dentre as quais o orientalismo não poderia estar de fora: a presença de autores portugueses como membros do IHGB, especialmente em seus primórdios quando “para cada dois membros brasileiros havia ao menos um português de nascimento em seus quadros”<sup>58</sup>. Autores como Diogo Barbosa Machado, importante historiador português na virada do século XVII para o século XVIII, membro da Academia Real de História Portuguesa, por exemplo, era o terceiro no número de publicações na *Revista* (do IHGB) entre 1839 e 1850<sup>59</sup>.

Do levantamento de intelectuais portugueses que publicaram entre 1839 e 1850 na *Revista de História do IHGB* feito por Julio Bentivoglio, fizemos um levantamento daqueles que se relacionam com o orientalismo, de onde surgem nomes como o já citado

---

<sup>56</sup> BENTIVOGLIO, Julio. A História no Brasil: a produção historiográfica na Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). *História: Questões & Debates*. vol. 63. n. 2, p. 287-315, jul./dez. 2015. p. 314

<sup>57</sup> BENTIVOGLIO. *Ibidem*. p. 293.

<sup>58</sup> BENTIVOGLIO, *Ibidem*, p. 308.

<sup>59</sup> BENTIVOGLIO, *Ibidem*, p. 314.

Diogo Barbosa Machado<sup>60</sup>; Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva<sup>61</sup>; António Ladislau Monteiro Baena<sup>62</sup> e Antônio Feliciano de Castilho<sup>63</sup>.

Seguindo esta metodologia, fizemos um levantamento (do ano 1851 até 1889) entre os sócios do IHGB, e vimos que, entre correspondentes e efetivos, encontramos um expressivo número de intelectuais (entre eruditos, políticos, militares, funcionários imperiais etc.) portugueses diretamente relacionados ao orientalismo, que vão para além dos nomes de figuras de proa do orientalismo português como Alexandre Herculano e Almeida Garret. O quadro abaixo apresenta, assim, quatro categorias: *autores*, uma lista de autores portugueses que tinham, ao mesmo tempo, relação com o IHGB e alguma forma de produção orientalista; *vinculações*, que demonstra as vinculações dos referidos autores com instituições potencialmente orientalistas, intelectuais orientalistas e/ou cargos que eventualmente tenham ocupado na experiência imperialista portuguesa; *admissão/tipo de vínculo com o IHGB*, e em quais textos acadêmicos os autores referenciados aparecem como orientalistas.

<i>Autores</i>	<i>Vinculações</i>	<i>Admissão/Tipo de vínculo com IHGB</i>	<i>Referência como orientalista</i>

<sup>60</sup> Aparece como orientalista em PINTO, Marta P. P. Mapping Portuguese Orientalism: the international congresses of orientalist (1873-1973). Introduction to a research project. In. ALMEIDA, Catarina Nunes de; PINTO, Marta Pacheco Pinto. **O Oriente em Tradução Línguas, Literaturas e Culturas Asiáticas no Espaço Luso**. Edições Húmus Lda., pp. 168-197, 2017; e em GOMIDE, Ana Paula Sena. **Entre Goa e Ceilão: a formação do clero nativo e as dimensões das mestiçagens no Oriente português (Séculos XVI-XVIII)**. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

<sup>61</sup> Aparece relacionado ao orientalismo em ARAÚJO, 2001 e BENTIVOGLIO, 2016.

<sup>62</sup> PORTELA, 2011. Aqui aparece como "Indigenista que reproduzia ideias essencialistas sobre os povos originários, como se vê em Portela: "Baena afirma que os indígenas, de um modo geral, pirateam, caçam e pescam, roubam e matam, são valentes, estribados em sua valentia, irreductíveis à civilização, agricultores imperfeitos, melancólicos e desconfiados, indolentísimos, antropofagos, dados a empeçonhamentos, vagos e roubadores, acreditam no poder de feiticeiros e observam agouros, são de peito fingido e ferino, deformam mais ou menos suas feições (BAENA, RIHGB, Tomo V, 1843, p. 277-278), entre outras qualificações negativas que atribui às suas índoles." p. 65.

<sup>63</sup> VICENTE, Filipa Lowndes, AMARAL, Ana Rita. **Literatura e Orientalismo: Cartas de Escritores Portugueses a Angelo de Gubernatis (1877-1912)**. Edições Tinta-da-china. Lisboa. 2019.

Alexandre de Serpa Pinto	Membro da Sociedade de Geografia de Lisboa	Sócio honorário do IHGB, admitido em 1881	Orientalista em Pinto <sup>64</sup> Africanista em <i>Jornal Diário Ilustrado</i> <sup>65</sup>
Duarte Gustavo Nogueira Soares	Diplomata, amigo pessoal de Camilo Castelo Branco e especialista no estudo “das relações bilaterais Portugal-China”	Sócio honorário do IHGB, admitido em 1889	Orientalista em Burnay <sup>66</sup> e Oliveira <sup>67</sup>
Frederico Francisco de La Figanière	Diplomata, escritor, historiador, poeta e filósofo. Próximo a Alexandre Herculano, foi importante na fundação da Sociedade de Geografia de Lisboa.	Sócio estrangeiro correspondente do IHGB, admitido em 1863	Aparece como orientalista em Ferreira <sup>68</sup>
Augusto Carlos Teixeira	Próximo de Herculano, escreveu sobre os indígenas do Brasil, (indigenista). Desenvolveu um “estudo das moedas da Índia e da África Oriental”	Sócio Estrangeiro correspondente do IHGB, admitido em 1871	Aparece relacionado ao orientalismo em Silva <sup>69</sup>

<sup>64</sup> PINTO, Marta Pacheco. Portugal and England in Africa (1891) by Guilherme de Vasconcelos Abreu. In ALMEIDA, Catarina de; PINTO, Marta Pacheco Pinto. **Portuguese Orientalism: The Interplay of Power, Representation and Dialogue in the Nineteenth and Twentieth Centuries**, The Portuguese-Speaking World series. Brighton, Chicago and Toronto: Sussex Academic Press, p. 246-262, 2021. Encontrado na RHGB, Parte II, Tomo II, de 1889

<sup>65</sup> Em *Jornal Diário Ilustrado* - 29 de Dezembro de 1900. Obtido de [https://purl.pt/14328/1/j-1244-g\\_1900-12-29/j-1244-g\\_1900-12-29\\_item2/j-1244-g\\_1900-12-29\\_PDF/j-1244-g\\_1900-12-29\\_PDF\\_24-C-R0150/j-1244-g\\_1900-12-29\\_0000\\_1-4\\_t24-C-R0150.pdf](https://purl.pt/14328/1/j-1244-g_1900-12-29/j-1244-g_1900-12-29_item2/j-1244-g_1900-12-29_PDF/j-1244-g_1900-12-29_PDF_24-C-R0150/j-1244-g_1900-12-29_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf). Consultado em 30 de Janeiro de 2022.

<sup>66</sup> BURNAY, Luis P., BURNAY, Rita. Orgs. **Catálogo de livros, manuscritos, autógrafos, fotografias e efêmera do Paço de Pombeiro e de outras proveniências**. ACD Artes Gráficas Lisboa, Abril 2014. Encontrado na RHGB, Parte II, Tomo II, de 1889

<sup>67</sup> OLIVEIRA, Francisco Roque. Ensaio bibliográfico sobre as relações luso-chinesas até a queda da dinastia Ming, c. 1513-1644. *Cronos*, vol. 8, pp. 67-94. 2005. p. 73.

<sup>68</sup> FERREIRA, Licínia Rodrigues. **Sócios do Instituto de Coimbra (1852-1978)**. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015. p. 77. Encontrado na RHGB, Parte II, Tomo II, de 1889.

<sup>69</sup> SILVA, Miguel Pimenta. **Dicionário de Historiadores Portugueses Da Academia Real das Ciências do Final do Estado Novo**. Obtido de <https://dichp.bnportugal.gov.pt/imagens/aragao.pdf>. Acesso em 22/01/2022. Encontrado na RHGB, Parte II, Tomo II, de 1889

José Maria Latino Coelho	Secretário-geral da <i>Academia das Ciências de Lisboa</i>	Sócio Estrangeiro correspondente do IHGB, admitido em 1877	Aparece relacionado ao orientalismo em Braga <sup>70</sup> , Vicente & Amaral <sup>71</sup> , Vanzelli <sup>72</sup> , Pinto <sup>73</sup>
Francisco Gomes de Amorim	Próximo a Almeida Garrett, trabalhou como seu biógrafo. Foi “membro das Academias de Ciências de Lisboa, de Madrid, de Bruxelas, e do Rio-Janeiro. Atuou, ainda, como dramaturgo, poeta, historiador e romancista, segundo Dias <sup>74</sup>	Sócio Estrangeiro correspondente do IHGB, admitido em 1880	Aparece relacionado ao orientalismo em Vicente e Amaral <sup>75</sup>
António da Costa	Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, do Instituto de Coimbra, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e membro de várias outras sociedades científicas e literárias”	Sócio Estrangeiro correspondente do IHGB, admitido em 1882	Aparece como orientalista em Vicente e Amaral <sup>76</sup> e Vanzelli <sup>77</sup>
Manuel Pinheiro Chagas	Foi Ministro da Marinha e Ultramar e um dos fundadores da	Sócio Estrangeiro Correspondente do IHGB,	Aparece como orientalista em Pinto <sup>78</sup> , Vanzelli <sup>79</sup>

<sup>70</sup> BRAGA, Duarte N. D., **Ao oriente do oriente: Transformações do orientalismo em poesia portuguesa do início do século XX**. Camilo Pessanha, Alberto Osório de Castro e Álvaro de Campos. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2014. Encontrado na RHGB, Parte II, Tomo II, de 1889.

<sup>71</sup> VICENTE e AMARAL, 2019.

<sup>72</sup> VANZELLI, José Carvalho. **Entre o passado e o presente: um estudo do Orientalismo Literário Português na segunda metade do século XIX**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2020.

<sup>73</sup> PINTO, 2017

<sup>74</sup> DIAS, 2019. Encontrado em Tomo XLIII - Parte II, de 1880. Admitido como sócio do IHGB neste ano de 1880.

<sup>75</sup> VICENTE e AMARAL, 2020.

<sup>76</sup> VICENTE e AMARAL, *op.cit.*, p. 15. Encontrado na RHGB, Parte II, Tomo II, de 1889.

<sup>77</sup> VANZELLI, *op.cit.*, p. 52.

<sup>78</sup> PINTO, *op.cit.* p. 429. Encontrado na RHGB, Parte II, Tomo II, de 1889.

<sup>79</sup> VANZELLI, 2020.

	Sociedade de Geografia de Lisboa.	admitido em 1884	
José Silvestre Ribeiro	Membro da Academia Real das Ciências de Lisboa	Sócio Estrangeiro Correspondente do IHGB, admitido em 1882	Aparece como orientalista em Pinto <sup>80</sup> e Lima <sup>81</sup>
Pedro Wenceslau de Brito Aranha	Membro da Sociedade de Geografia de Lisboa e sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa	Sócio Estrangeiro Correspondente do IHGB, admitido em 1885	Aparece como orientalista em Vicente e Amaral <sup>82</sup> e Pinto <sup>83</sup>
Augusto Carlos Teixeira de Aragão	Foi Secretário Geral do Governo da Índia, membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Real Academia de la Historia de Madrid	Sócio Estrangeiro Correspondente do IHGB, admitido em 1871	Aparecendo com orientalista em Pinto <sup>84</sup>
António José Viale	Membro do Conselho Superior de Instrução Pública e sócio da Academia de Ciências de Lisboa” <sup>85</sup>	Sócio Estrangeiro Correspondente do IHGB, admitido em 1885	Aparece como orientalista em Pinto <sup>86</sup>
Jorge César de Figanière	Participou da delegação portuguesa no Primeiro	Sócio Estrangeiro	Aparece como orientalista em Pinto <sup>88</sup>

<sup>80</sup> PINTO, 2019. p. 116. Onde a autora escreve: “História dos Estabelecimentos Científicos, Literários e Artísticos de Portugal nos Sucessivos Reinados da Monarquia, uma publicação do erudito jurista português, o conselheiro José Silvestre Ribeiro, membro correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa”. Encontrado na RHGB, Parte I, Tomo L II, de 1889.

<sup>81</sup> LIMA, Isabel Pires. **Macau e a Ilha dos Amores: José Rodrigues - (Eugénio de Andrade) - Luis de Camões**. In. De Oriente a Ocidente: estudos da Associação Internacional de Lusitanistas. Volume I – Sobre Orientalismos. Orgs. ALONSO, Cláudia Pazos, RUSSO, Vincenzo, VECCHI, Roberto, ANDRÉ, Carlos Ascenso. EDITORA ANGELUS NOVUS. Coimbra. 2019. pp.193-226.

<sup>82</sup> VICENTE e AMARAL, p. 35, 2019. Encontrado na RHGB, Parte I, Tomo L II, de 1889.

<sup>83</sup> PINTO, 2013.

<sup>84</sup> PINTO, 2019. Encontrado na RHGB, Primeiro Folheto, Tomo L I, de 1888.

<sup>85</sup> BRITO, Rômulo de Jesus Farias. **O cetro e a mala: as narrativas de Raphael Bordallo Pinheiro, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão sobre a primeira viagem de D.Pedro II à Europa**. Diss. (Mestrado) – Faculdade de História, PUCRS Porto Alegre, 2013. Encontrado na RHGB, Tomo XLIX - 1º Volume de 1886.

<sup>86</sup> PINTO, 2019, p. 22.

<sup>88</sup> PINTO, *Idem*. Encontrado na RHGB, Tomo XLVII - Parte I de 1885.

	Congresso Internacional de Orientalistas, de 1873 <sup>87</sup> . Próximo de Alexandre Herculano e um dos fundadores da Sociedade de Geografia de Lisboa	Correspondente do IHGB, admitido em 1860	
Agostinho Marques Perdigão Malheiro	Luso-brasileiro formado em “Leis” na Universidade de Coimbra	Sócio Estrangeiro Correspondente do IHGB	Aparece como orientalista “anti-chinês” em Czepula <sup>89</sup>
António José de Lima Leitão	Representou o Estado da Índia no parlamento português.	Sócio Estrangeiro Correspondente do IHGB	Aparece como orientalista em Bastos <sup>90</sup>
Inocêncio Francisco da Silva	Membro da Academia de Ciências de Lisboa.	Sócio Estrangeiro Correspondente do IHGB	Aparece como orientalista em Chora <sup>91</sup> e em Vicente & Amaral <sup>92</sup>
Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara	Autor de “Ensaio Histórico da Língua Concani. Imprensa Nacional, Nova Goa, 1858” <sup>93</sup> .	Sócio Correspondente do IHGB admitido em 1840	Aparece como “orientalista” em Gaur <sup>94</sup> , Cunha <sup>95</sup> , Pinto <sup>96</sup> , Machado <sup>97</sup> e Braga <sup>98</sup>

<sup>87</sup> PINTO, *Idem*.

<sup>89</sup> CZEPULA, Kamila Rosa. **A questão dos trabalhadores "chins": salvação ou degeneração do Brasil? (1860-1877)**. Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura 47. 303-325. 2020.

<sup>90</sup> BASTOS, Cristiana. **Medicina, Império e Processos Locais Em Goa, Século XIX**. *Análise Social*, vol. 42, no. 182, Instituto Ciências Sociais da Universidad de Lisboa, 2007, pp. 99–122, <http://www.jstor.org/stable/41012460>. Encontrado Em Tomo XLIV - Parte I de 1881 – secção dos sócios estrangeiros falecidos.

<sup>91</sup> CHORA A. M. Pires D. **As Chinelas de Abu-Casem: Conto Árabe**. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2016. p. 85 Encontrado em Tomo XLIV - Parte I de 1881 – secção dos sócios estrangeiros falecidos.

<sup>92</sup> VICENTE e AMARAL, *op. cit.* p. 58.

<sup>93</sup> GOMIDE, 2018. Encontrado em Tomo XLI - Parte Primeira de 1878.

<sup>94</sup> GAUR, Albertine. The iconography and ritual of Śiva at Elephanta. **Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain & Ireland**, New York, State University of New York Press, v. 122. p. 402-403, 1988.

<sup>95</sup> CUNHA, João Teles e. Dares e tomares no Orientalismo Português, In KEMNITZ, Eva-Maria von **Estudos orientais**, Lisboa: Universidade Católica Editora, - pp. 135-163, 2012.

<sup>96</sup> PINTO, 2019.

<sup>97</sup> MACHADO, Everton V. A experiência indiana de Cunha Rivara. In FRANCO, Luís Farinha; RAFAEL, Gina Guedes; MACHADO, Everton V. **Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, 1809 -1879**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, p. 25 -36. 2009.

<sup>98</sup> BRAGA, 2014.

José Joaquim Lopes de foi Lima	Foi Governador do Estado da Índia	Sócio Estrangeiro do IHGB Admitido em 1845	Aparece como orientalista em Gaur <sup>99</sup> , Vicente <sup>100</sup> , Xavier e Santos <sup>101</sup>
Manuel Francisco Zacarias de Portugal e Castro	Foi o 84.º Governador da Índia (1826-1830) e 50.º Vice-Rei da Índia, até 1835; <sup>102</sup>	Sócio Estrangeiro Correspondente do IHGB	Citado como orientalista por Machado <sup>103</sup>
Levy Maria Jordão de Paiva Manso	Foi sócio da Academia das Ciências de Lisboa	Sócio Estrangeiro Correspondente do IHGB	Aparece como “orientalista” em Thomaz <sup>104</sup>
Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo	Ministro da Marinha e do Ultramar tendo sido, ao longo da vida, cinco vezes presidente do Conselho de Ministros e sete vezes Ministro de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar	Sócio Estrangeiro Correspondente do IHGB	Tratado como orientalista em Bem <sup>105</sup>

## Conclusão

A amplitude das relações entre autores e intelectuais de Brasil e Portugal no século XIX é de grande escala e complexa, sendo ora de aproximação, ora de distanciamento. Os reis de Portugal eram, via de regra, presidentes honorários do IHGB e, como vimos,

<sup>99</sup> GAUR, 1990.

<sup>100</sup> VICENTE, 2010. Encontrado em Tomo XLIV - Parte I de 1881 – secção dos sócios estrangeiros falecidos.

<sup>101</sup> XAVIER, Ângela Barreto e SANTOS, Catarina Madeira (dir.), **Cultura intelectual das elites coloniais** [Online], Cultura, Vol. 24 | 2007. Posto online no dia 24 janeiro 2013, consultado a 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/93> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.93>

<sup>102</sup> VALÉRIO, Nuno. **Responsáveis políticos pelo Império Colonial Português**. Instituto Superior de Economia e Gestão – CSG/GHES Documento de Trabalho / CSG/GHES Working paper n° 72 – 2021

<sup>103</sup> MACHADO, Everton V. **O orientalismo português e as Jornadas de Tomás Ribeiro: caracterização de um problema**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2018. Encontrado em Tomo XLIV - Parte I de 1881 – secção dos sócios estrangeiros falecidos.

<sup>104</sup> THOMAZ, Luis Felipe F.R. A Carta que mandaram os Padres da Índia, da China e da Magna China, um relato siríaco da chegada dos Portugueses ao Malabar e seu primeiro contacto com a hierarquia cristã local. **Revista da Universidade de Coimbra**, vol. XXXVI, pp. 119-181, 1991; tb pub. na série Separatas do Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, n° 224, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, 1992. Aparece como orientalista em Tomo XLIII - Parte I de 1880 na secção dos sócios estrangeiros falecidos.

<sup>105</sup> BEM, Gabriel Felipe Silva. **Raça e Colonização: noções raciais no discurso colonial de Sá da Bandeira e Andrade Corvo em Portugal (1873-1887)**. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Minas Gerais. 2020. Encontrado em Tomo XLI - Parte Primeira de 1878 . Lista de sócios falecidos.

grande foi a influência da historiografia portuguesa e de seus principais historiadores e intelectuais como Alexandre Herculano, Almeida Garret, e Camilo Castelo Branco, entre os quais, os dois primeiros faziam parte do quadro de sócios do IHGB e são reputados recorrentemente como autores orientalistas. Estudos mais profundos sobre as interlocuções que envolvem a temática do orientalismo ainda virão, mas podemos vislumbrar um campo vasto, com muitas trocas, para além dos eventuais conflitos decorrentes da então recente independência do Brasil que teria criado certo antilusitanismo em alguns círculos.

Afirmamos que o país buscava, nesta época, firmar a sua identidade enquanto Estado soberano e, como na maioria dos países que então se constituíam, a construíam, assentados na História. Desse modo, se era necessária a busca pela originalidade, e aqui vemos a questão indígena aparecer com significativa importância, na época, mais do que a busca pelas origens africanas, o surgimento da presença portuguesa e sua contribuição era incontornável.

No entanto, o que torna o quadro ainda mais complexo é que a noção de identidade que se construía nas páginas do IHGB, se não de modo absoluto, pelo menos em grande medida, nomeadamente nas décadas finais do dezenove, desejava desenhar um país com uma feição cristã, branca, europeia, identificado com a civilização ocidental. Desse modo, ao construir a História da nação, o olhar sobre os elementos indígenas e africanos, independente do grau de proximidade, ou “positivação”, desses elementos, era crivado de essencializações nuançadas de matriz orientalista (ou indigenista e, mesmo africanista, embora não tenhamos nos debruçado sobre esta), que provinham justamente da Europa em geral, e de Portugal, em particular. Sendo este artigo, portanto, um esforço preliminar na contribuição para o melhor entendimento entre as potenciais circulações de ideais orientalistas entre os dois lados do Atlântico.

### **Referências**

- Revista IHGB - Tomo LII - Parte I
- Revista IHGB - Tomo LI - Suplemento
- Revista IHGB - Tomo LI - Parte II
- Revista IHGB - Tomo LI - 1º Folheto de 1888
- Revista IHGB - Tomo L - 3º Folheto de 1887
- Revista IHGB - Tomo L - Parte Primeira

Revista IHGB - Tomo XLIX - 2º Volume de 1886  
Revista IHGB - Tomo XLIX - 1º Volume de 1886  
Revista IHGB - Tomo XLVIII - Parte II  
Revista IHGB - Tomo XLVIII - Parte I  
Revista IHGB - Tomo XLVII - Parte II  
Revista IHGB - Tomo XLVII - Parte I  
Revista IHGB - Tomo XLVI - Parte II  
Revista IHGB - Tomo XLVI - Parte I  
Revista IHGB - Tomo XLV - Parte II  
Revista IHGB - Tomo XLV - Parte I  
Revista IHGB - Tomo XLIV - Parte II  
Revista IHGB - Tomo XLIV - Parte I  
Revista IHGB - Tomo XLIII - Parte II  
Revista IHGB - Tomo XLIII - Parte I  
Revista IHGB - Tomo XLII - Parte II  
Revista IHGB - Tomo XLII - Parte I  
Revista IHGB - Tomo XLI - Parte Segunda  
Revista IHGB - Tomo XLI - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XL - Parte Segunda  
Revista IHGB - Tomo XL - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXXIX - Parte Segunda  
Revista IHGB - Tomo XXXIX - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXXVIII - Parte Segunda  
Revista IHGB - Tomo XXXVIII - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXXVII - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXXVI - Parte Segunda  
Revista IHGB - Tomo XXXVI - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXXV - Parte Segunda  
Revista IHGB - Tomo XXXV - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXXIV - Parte Segunda  
Revista IHGB - Tomo XXXIV - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXXIII - Parte Segunda  
Revista IHGB - Tomo XXXIII - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXXII - Parte Segunda

Revista IHGB - Tomo XXXII - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXXI - Parte Segunda  
Revista IHGB - Tomo XXXI - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXX - Parte Segunda  
Revista IHGB - Tomo XXX - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXIX - Parte Segunda  
Revista IHGB - Tomo XXIX - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXVIII - Parte Segunda  
Revista IHGB - Tomo XXVIII - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXVII - Parte Segunda  
Revista IHGB - Tomo XXVII - Parte Primeira  
Revista IHGB - Tomo XXVI  
Revista IHGB - Tomo XXV  
Revista IHGB - Tomo XXIV  
Revista IHGB - Tomo XXIII  
Revista IHGB - Tomo XXII  
Revista IHGB - Tomo XXI  
Revista IHGB - Tomo XX  
Revista IHGB - Tomo XIX  
Revista IHGB - Tomo XVIII  
Revista IHGB - Tomo XVII  
Revista IHGB - Tomo XVI  
Revista IHGB - Tomo XV  
Revista IHGB - Tomo XIV

ARAÚJO, Ana Cristina Cardoso dos Santos Bartolomeu . O Maravilhoso Mundo Reencontrado na América Portuguesa, **Estudos de Homenagem ao Professor Doutor João Marques**, Porto, Faculdade de Letras do Porto, vol. 1, pp. 169-182, 2001

BASTOS, Cristiana. **Medicina, Império e Processos Locais Em Goa, Século XIX**. *Análise Social*, vol. 42, no. 182, Instituto Ciências Sociais da Universidad de Lisboa, 2007.

BEM, Gabriel Felipe Silva. **Raça e Colonização: noções raciais no discurso colonial de Sá da Bandeira e Andrade Corvo em Portugal (1873-1887)**. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Minas Gerais. 2020.

BENTIVOGLIO, Julio. A História no Brasil: a produção historiográfica na Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). **História: Questões & Debates**. vol. 63. n. 2, p. 287-315, jul./dez. 2015.

BRAGA, Duarte N. D., **Ao oriente do oriente: Transformações do orientalismo em poesia portuguesa do início do século XX.** Camilo Pessanha, Alberto Osório de Castro e Álvaro de Campos. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2014.

BRITO, Rômulo de Jesus Farias. **O cetro e a mala: as narrativas de Raphael Bordallo Pinheiro, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão sobre a primeira viagem de D. Pedro II à Europa.** Diss. (Mestrado) – Faculdade de História, PUCRS Porto Alegre, 2013.

BURNAY, Luis P., BURNAY, Rita. Orgs. **Catálogo de livros, manuscritos, autógrafos, fotografias e efêmera do Paço de Pombeiro e de outras proveniências.** ACD Artes Gráficas Lisboa, Abril 2014.

CAMAYD-FREIXAS, Erik (ed.). **Orientalism and Identity in Latin America. Fashioning Self and Other from the (Post) Colonial Margin,** Tucson: The University of Arizona Press, 2013.

DIAS, Humberto Luis. **A produção cultural de Almeida Garrett: contribuição além do romantismo.** Tese de Doutorado em Letras. Universidade Mackenzie. São Paulo. 2019.

CHORA A. M. Pires D. **As Chinelas de Abu-Casem: Conto Árábico.** Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2016.

CUNHA, João Teles e. Dares e tomares no Orientalismo Português, In KEMNITZ, Eva-Maria Von, (coord.) **Estudos orientais,** Lisboa: Universidade Católica Editora, p. 135-163, 2012.

CZEPULA, Kamila Rosa. **A questão dos trabalhadores "chins": salvação ou degeneração do Brasil? (1860-1877).** Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura 47. p. 303-325, 2020.

DAZZI, Camila. Pelas ruas do Magrebe: orientalismo no Brasil ao final do século XIX. **Arte e Ensaio,** vol. 26, n. 40, jul./dez. 2020.

ESPINOZA, María. El espejo roto de occidente: conceptos orientalistas en la literatura latino-americana. **Hispanet Journal,** Flórida, v.2, p. 1-14. 2009.

FERREIRA, Licínia Rodrigues. **Sócios do Instituto de Coimbra (1852-1978).** Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

GAUR, Albertine. The iconography and ritual of Śiva at Elephanta. **Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain & Ireland,** New York, State University of New York Press, v. 122. p. 402-403, 1988.

GOLDFELD, Monique S. **Dicionário de Orientalistas de Língua Portuguesa: D Pedro II.** <https://orientalistasdelinguaportuguesa.wordpress.com/>. Acesso em 13/01/2022.

GOMIDE, Ana Paula Sena. **Entre Goa e Ceilão: a formação do clero nativo e as dimensões das mestiçagens no Oriente português (Séculos XVI-XVIII).** Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Revista Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 1 n. 1, p. 5 – 27, Jan. 1988.

KOSELLECK, Reinhart. **Histórias de conceitos:** estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social, Rio de Janeiro, Contraponto, 2020.

KODAMA, Kaori. **Os filhos das brenhas e o Império do Brasil: A etnografia no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1840-1860).** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História da PUC-Rio. Rio de Janeiro – 2005.

MACHADO, Everton. Orientalism from Within in Goa: Local Textual Production in Light of the Legal and Administrative Framework of the Overseas Populations. In WONG, Katrine (Ed.) **Eastern and Western Synergies and Imaginations: Texts and Histories**, Leiden: Brill, Out.2020, p. 97-122.

MACHADO, Everton. **O orientalismo português e as Jornadas de Tomás Ribeiro: caracterização de um problema.** Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2018.

MACHADO, Everton. A experiência indiana de Cunha Rivara. In FRANCO, Luís Farinha; RAFAEL, Gina Guedes; MACHADO, Everton V. **Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, 1809 -1879.** Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, p. 25 -36. 2009.

MAFRA, Adriano; STALLAERT, Christiane. Orientalismo Crioulo: Dom Pedro II e o Brasil Do Segundo Império / Creole Orientalism. D. Pedro II and Brazil in the Second Empire. Berlin, **Iberoamericana (2001-)**, vol. 16, n. 63, p. 149–168, 2016.

MALEVAL, Isadora Tavares. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como receptáculo do presente (1838-1850), Rio de Janeiro, **Topoi**, v. 20, p. 627-650, 2019.

MOTA, Lúcio Tadeu. A Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) e as populações indígenas no Brasil do II Reinado (1839-1889). **Revista Diálogos**, v. 10, n. 1, p. 117- 142. Maringá-PR: DHI/PPH/UEM, 2006.

OLIVEIRA, Francisco Roque. Ensaio bibliográfico sobre as relações luso-chinesas até a queda da dinastia Ming, c. 1513-1644. **Cronos**, vol. 8, pp. 67-94, 2005.

PINTO, Marta Pacheco. A Lira Chinesa em trânsito: de Machado De Assis a António Feijó. Santa Catarina, **Scientia Traductionis** n.14, p. 93-106, 2013.

PINTO, Marta Pacheco. **Traduzir o outro oriental. A configuração da figura feminina na literatura portuguesa finissecular (Atónio Feijó e Wenceslau de Moraes).** Lisboa, (Tese de Doutorado em História da Tradução). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013.

PINTO, Marta Pacheco. Org. **A participação portuguesa nos congressos internacionais de orientistas (1873-1973):** Textos e contextos. Lisboa, Edições Húmus & Marta Pacheco Pinto, 2019.

PINTO, Marta Pacheco. Mapping Portuguese Orientalism: the international congresses of orientists (1873-1973): Introduction to a research project. In. ALMEIDA, Catarina Nunes de; PINTO, Marta Pacheco Pinto. **O Oriente em Tradução Línguas, Literaturas e Culturas Asiáticas no Espaço Luso.** Edições Húmus Lda., pp. 168-197, 2017.

PINTO, Marta Pacheco. Portugal and England in Africa (1891) by Guilherme de Vasconcelos Abreu. In ALMEIDA, Catarina de; PINTO, Marta Pacheco. (Ed) **Portuguese Orientalism: The Interplay of Power, Representation and Dialogue in the Nineteenth and Twentieth Centuries, The Portuguese-Speaking World series.** Brighton, Chicago and Toronto: Sussex Academic Press, p. 246-262, 2021.

PORTELA, Cristiane de Assis. A Noção de Indigenismo na formação das nações Latino-Americanas: Estudo Preliminar da presença indígena em Varnhagen e José Martí. **ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História** – Fortaleza, 2009.

PORTELA, Cristiane de Assis. **Para além do “caráter ou qualidade de indígena”: uma história do conceito de indigenismo no Brasil**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História/ Universidade de Brasília – UnB, Brasília-DF, 2011.

PUNTONI, Pedro. O Sr. Varnhagen e o patriotismo caboclo: o indígena e o indianismo perante a historiografia brasileira. In: JANCSÓ, István (org.). **Brasil: Formação do Estado e da Nação** Hucitec, p. 633-675 – São Paulo, 2003.

PUNTONI, Pedro. A Confederação dos Tamoyos de Gonçalves de Magalhães: a poética da história e a historiografia do Império. **Novos Estudos Cebrap**, n. 45, p. 119-130, – São Paulo 1996.

RAMOS, A.R. Indigenismo: um orientalismo Americano. **Anuario Antropológico**, vol 1, p. 27-48. 2011.

RAMOS, A.R. **Para além do “caráter ou qualidade de indígena”: uma história do conceito de indigenismo no Brasil**. 274 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História/ Universidade de Brasília – UnB, Brasília-DF, 2011.

RAPHANELLI, Noeli Zuleica Oliveira. **D. Pedro II: vínculos dom o judaísmo**. 2012. Tese (Doutorado) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RODRIGUES, J. P. C. Orientalismos americanistas: Vicente Fidel López, Francisco Adolfo de Varnhagen y los indígenas, **Revista Complutense De Historia De América**, v. 39, 59-8, 2013.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, Edições Kindle, 2009.

SAID, Edward. Orientalism Reconsidered. **Cultural Critique**, Minnessota, University of Minnesota Press, Vol1, p. 89–107, 1985.

SANDMANN, Marcelo. **Aquém-Além-Mar: presenças portuguesas em Machado de Assis**. Campinas, SP. 2004. Tese de doutoramento.

SHOHAT, Ella and STAM, Robert. Tropical Orientalism: Brazil’s Race Debates and the Sephardi-Moorish Atlantic. In. AMAR, Paul Amar (Ed.). **The Middle East and Brazil: perspectives on the new global south**. Indiana, Indiana University Press. 2014. p. 119-161.

SILVA, Cristhian Teófilo da. Relatos de um certo ocidente: o indigenismo como orientalismo à americana. **I Congresso Internacional de Estudos sobre as Américas**. Rio de Janeiro: UERJ, setembro de 2008.

SILVA, Miguel Pimenta. **Dicionário de Historiadores Portugueses Da Academia Real das Ciências do Final do Estado Novo**. Obtido de <https://dichp.bnportugal.gov.pt/imagens/aragao.pdf>. Acesso em 22/01/2022.

SOUZA, Arlindo J. Reis de. Os Orientes e Ocidentes de Freyre: tópica Orientalista em Casa-grande & Senzala e o Ocidente em Sobrados e Mucambos, **Revista de Estudos Brasileños**, Salamanca, vol. 7, n. 14. Ediciones Universidad de Salamanca, p. 153-167, 2020.

TABOADA, Hernán. **Un orientalismo periférico: Nuestra América y el Islam**. México. UNAM, Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe. 2012.

TAUB, Emmanuel. **Otredad, orientalismo e identidad**: nociones sobre la construcción de un otro oriental en la revista Caras y Caretas : 1898-1918, 1a ed., Buenos Aires: Editorial Teseo, 2008.

THOMAZ, Luis Felipe F.R. A Carta que mandaram os Padres da Índia, da China e da Magna China, um relato siríaco da chegada dos Portugueses ao Malabar e seu primeiro contacto com a hierarquia cristã local. **Revista da Universidade de Coimbra**, vol. XXXVI, pp. 119-181, 1991.

TYUTINA, Svetlana V., **Hispanic Orientalism: The Literary Development of a Cultural Paradigm, from Medieval Spain to Modern Latin America**, Tese (Tese de Doutorado), Florida International, University Electronic Theses and Dissertations, Flórida, 2014.

TURIN, Rodrigo. **Narrar o passado, projetar o futuro: Sílvio Romero e a experiência historiográfica oitocentista**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2005.

VANZELLI, José Carvalho. **Entre o passado e o presente: um estudo do Orientalismo Literário Português na segunda metade do século XIX**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2020.

VALÉRIO, Nuno. **Responsáveis políticos pelo Império Colonial Português**. Instituto Superior de Economia e Gestão – CSG/GHES Documento de Trabalho / CSG/GHES Working paper nº 72 – 2021.

VICENTE, F. L. Orientalismos periféricos? O historiador goês José Gerson da Cunha (Bombaim, 1878). **Ler História**, Lisboa, v.58. p. 27-46. 2010.

VICENTE, Filipa Lowndes, AMARAL, Ana Rita. **Literatura e Orientalismo: Cartas de Escritores Portugueses a Angelo de Gubernatis (1877-1912)**. Edições Tinta-da-china. Lisboa, 2019.

XAVIER, Ângela Barreto; ŽUPANOV, Ines G., **Catholic orientalism**. Portuguese empire, indian knowledge (16th-18th centuries), Oxford: Oxford University Press. 2015.

XAVIER, Ângela Barreto e SANTOS, Catarina Madeira (dir.), **Cultura intelectual das elites coloniais** [Online], Cultura, Vol. 24 | 2007.